

O CONCEITO DE EDUCAÇÃO A PARTIR DO PENSAMENTO DE HENRI BERGSON

Luiz Fernando Santos¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma nova pedagogia de *educação* utilizando dois conceitos principais do filósofo Henri Bergson, a saber: *duração e intuição*. Para Bergson, a duração é o tempo, já a intuição a consciência, em ambas são compreendidas e realizadas por um conceito que parte da ideia de tempo, entrando em relação com o próprio indivíduo que vive essa *evolução*. Todas as coisas que estão em volta do indivíduo e em seu interior têm uma finalidade, têm uma duração que é percebida pela consciência do mesmo indivíduo. Em certo ponto, a duração permite pensar na evolução e a intuição na consciência futura, que é uma ação criadora numa educação nova, onde o presente cobre o passado planejando o futuro sem, com isso, mudar a essência.

Palavras-chave: Educação. Duração. Intuição. Bergson. Evolução.

INTRODUÇÃO

Henri Louis Bergson, (1859-1941) íncrito em matemática e letras, foi um pensador que viveu nos meios das pesquisas positivista. Viveu entre os séculos XIX e XX, no contexto das duas Grandes Guerras e dos avanços tecnológicos, que contribuíram para sua filosofia. Nestes acontecimentos, ofereceram bases para uma análise da educação daquela época. Ele é considerado uns dos pais da filosofia contemporânea, pois é uns dos primeiros filósofos a refletir sobre a duração e intuição do homem no século que vive.

Essa reflexão se mostra pertinente a partir do momento em que se considera um método educacional inserido na vida social, pois, para Bergson, a intuição e duração deveriam passar na vida do indivíduo, que adentrará na educação da sociedade, do nascimento até a morte da pessoa. Nesta perspectiva, a compreensão de mundo a partir da evolução da

¹

Bacharelado de Filosofia na Faculdade Vicentina. Contato: fer.seminarista.csf@gmail.com

consciência não é a mesma da origem, mas é aprofundada. Assim o homem compreende e expandi a sua mente para além de si.

1 BIOGRAFIA E AS INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS DE HENRI BERGSON

1.1 vida de Bergson

Henri Louis Bergson nasceu na França em 1859 e estudou matemática, letras e ciência. Iniciou os estudos acadêmicos na faculdade de Letras em 1878. Foi um filósofo muito importante em seu contexto, no qual teve uma visão voltada à sociedade, e em relação à evolução do homem (GUSMÃO; MONTEIRO; PINTO, 2014 p. 90).

Em 1881, Bergson começou a dar aulas em várias universidades, como o Liceu Blaise Pascal de Clermont-Ferrad., e em 1888 concluiu duas teses em matemática e letras, que têm como títulos de: *Quid Aristóteles de loco Senserit*², e *Essai sur les données immédiates de la conscience*³. Assim, percebemos que mesmo sobrecarregado por seus muitos afazeres, como discente e docente, nosso filósofo não deixou de se dedicar a escritura de suas obras (GUSMÃO; MONTEIRO; PINTO, 2014, p. 91).

No ano de 1896, Bergson divulgou *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação entre corpo e alma*. Desenvolveu sua vida acadêmica lecionando no principal colégio de filosofia da França, o *Liceu Fontane*, no qual foi elevado ao cargo de catedrático em 1900, onde permaneceu até 1914. No *Collège de France*. Bergson era definido como sendo solitário, porém, bastante conhecido, ao ponto de lotar a sala de aula (LOUIS; BARON, 2009. p. 10).

Entre os anos de 1900 a 1907, Bergson escreve três obras, que mais tarde foram de grande sucesso: *O Riso*; *Introdução à metafísica*; *A evolução criadora*. A obra que foi publicada mais tarde, na qual ele debatia com os problemas referentes às questões morais e religiosas da humanidade. Publica sua obra *As duas fontes da moral e religião* em 1932, apresentando uma posição sobre o irracionalismo, a razão e o misticismo⁴ (REALE; ANTISERI, 2006, p. 349).

Para Bergson, o mundo se encontrava em um momento de grande pessimismo; ele viu, na guerra de 1914 uma afronta entre a força brutal representada pela potência técnica

² BERGSON H. *Quid Aristóteles de loco Senserit*. New York: Félix Alcan, 1889.

³ BERGSON H. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Paris: Félix Alcan, 1889.

⁴ Preocupação dele, era como a sociedade estava pensando, ou como a sociedade utiliza a sua razão sobre dos mitos. Pois nesta obra ele irá propor o tipo de pensar, ou seja, como a moral ou a religião teria modos diferentes de explicar a realidade.

prussiana, a força moral do patriotismo francês e uma humilhação infligida à nação alemã (LOUIS; BARON, 2009, p.13).

O século XX estava passando por momentos de transição e desavenças, além de questões morais e desenvolvimento econômicos. Houve o avanço tecnológico que gerou um salto para a sociedade industrial. Com a passagem da Primeira Guerra Mundial, Bergson se posiciona em defesa do patriotismo da França e seus aliados no campo político. Estes acontecimentos marcam o modo Bergson passou a pensar o contexto social, bem como a sociedade estava se comportando no mundo em seu avanço globalizado.

Era da religião judaica, mas com a invasão dos nazistas em Paris, teve uma aproximação crescente com o cristianismo, embora não tenha se convertido. Assim descreve: “Eu quis permanecer entre aqueles que amanhã serão os perseguidos”. Por isso é morto pelos nazistas no ano de 1941 (REALE; ANTISERI, 2006, p. 348-349).

1.2 Influências filosófica de Bergson

A filosofia de Bergson teve como influência a filosofia positivista, em especial, o pensamento de Herbert Spencer, que adentrará numa filosofia das ciências positivistas; “o filósofo francês acreditou ter encontrado no pensamento spenceriano uma nova perspectiva filosófica que, em última análise, estaria ancorada na experiência da natureza e nos dados da ciência” (GUSMÃO; MONTEIRO; PINTO, 2014. p. 91).

Herbert Spencer nasceu na Inglaterra em 1820, falecendo em 1903. Sua filosofia era totalmente voltada a natureza, tendo uma visão em torno das suas características por meio dos elementos científicos. A filosofia de Spencer tem influência de seu pai. Para ele os professores não precisavam somente ensinar as disciplinas como política, sociologia, e entre outras, mas deveriam insistir “na dignidade do homem e na sua habilidade em compreender as leis universais da natureza e conformar-se com elas” (KARDINER; PREBLE. 1961. p. 36). Spencer tem uma filosofia voltada à ciência, onde pode compreender os eventos que acontecem na natureza.

Herbert Spencer, teve uma educação e um ensino que foram influenciados pelos avanços e grandes mudanças que ocorreram no século XIX, eram voltadas para a ciência humana, intelectual e moral. Spencer publica uma obra chamado *Education*, na qual tem a preocupação com conhecimento e seu valor (MENDONÇA, 2013, p. 8).

Bergson também foi influenciado pela filosofia de Hippolyte Adolphe Taine (1828 – 1893), crítico, historiador francês e filósofo positivista do século XIX, discípulo de Spencer. Os filósofos Taine e Spencer têm como característica o evolucionismo positivista, base para que tinham a evolução como um fundamento último da teoria da realidade; ambos viam a evolução positivista como um ponto do qual se poderia explicar a realidade da história, sendo processo de vida (LOUIS; BARON, 2009, p. 12).

Entretanto, Bergson elabora uma nova visão colocando o caminho necessário para alcançar a realidade da evolução temporal, utilizando a matemática em conjunto com seus conceitos principais.

2 INTUIÇÃO E DURAÇÃO NO PENSAMENTO DE BERGSON.

Bergson percebe que o tempo passa de forma igual para todos, independentemente dos acontecimentos: um relógio se move mecanicamente, nunca alterando a duração de um segundo, por exemplo. Para o autor, o homem deveria ser capaz de captar o tempo fora do relógio. E para que o homem possa observar o tempo, é preciso que ele tenha a consciência, que Bergson chamaria mais tarde de intuição. Sendo assim, a intuição que gera a duração, que faz o homem observar o tempo.

2.1 Conceito de duração

Para Bergson, a duração é o intervalo entre o início, o meio e o fim de um determinado evento, percebido através de um estado de consciência chamado de intuição. Ao longo do tempo, o conjunto que compõe as características das coisas se altera, mas sua essência não muda. Sendo assim, o homem compreende a duração como algo que está dentro de si. Assim descreve Bergson:

A bem dizer, é impossível distinguir entre a duração, pois mais curta que seja, que separa dois instantes e uma memória que os ligasse entre si, pois a duração é essencialmente uma continuação do que não é mais no que é. Eis aí o tempo real, ou seja, percebido e vivido. Eis também qualquer tempo concebido, pois não se pode conceber um tempo sem representá-lo percebido e vivido. Duração implica, portanto, consciência; e temos consciência no fundo das coisas pelo próprio fato de lhe atribuídos um tempo que dura. (BERGSON, 2006, p. 57)

Bergson compreende que a duração deve ser o primeiro contato estabelecido por todos filósofo, pois, abarcando o conceito de duração, o homem compreenderá que existe uma evolução criadora⁵ que ocorre em toda a sua vida, ou seja, toda a mudança que ocorrerá no mundo globalizado e até na própria educação que a pessoa terá. E dentro da duração, Bergson compreende em três partes, em duração biológica, duração no espaço simbólico e a duração criadora.

2.2 Duração biológica

Bergson coloca como questão o organismo vivo, que tem como objetivo analisar o homem e o conceito biológico que seria o ser. Deste modo ao ponderar o homem no pensamento biológico, compreende que existe um início, um meio e um fim: o nascimento, crescimento e a morte. Com isto, Bergson quer propor uma análise mais ampla que poderíamos ter enquanto pensamento que seja de intuição e duração, que teria como uma duração material⁶. Sendo assim, o filósofo quer propor uma “duração” que possa ter uma infinitude, onde não existe somente um tempo, mas uma visão filosófica ampla na observação de vários tipos de tempo. como por exemplo, o conceito tempo, é descrito pela ciência como horas; a biologia descreve como nascimento; e, fim e por fim, a filosofia compreende o tempo de modo mais amplo, do que a ciência e a biologia (LOUIS; BARON. 2009. p. 19 – 20).

Sendo assim, Bergson observa que existe uma duração infinita na qual perpassa o simbolismo do homem⁷, na qual ficará marcado na memória. Em outras palavras, quando fazemos algo, efetuamos um trabalho, logo a consciência memoriza, e com isso, ficará na memória o resto da vida dos indivíduos. E com isso o indivíduo cria e recria o tempo em sua consciência.

Portanto, diante das questões sobre duração, Bergson compreende a duração no estilo de vida do exterior para uma continuidade da vida espiritual interior, na qual a duração começará partindo dos elementos naturais e terminará nos pensamentos do homem.

2.3 Duração no espaço simbólico

⁵ Evolução criadora, parte de um conceito que o próprio homem irá trabalhar consigo mesmo, ou em outras palavras, o homem ele cria e recria para sua evolução.

⁶ Infinita, seria no que tange a uma matéria diferente o homem, por exemplo: uma pessoa ele terá um fim que é a morte, já o material não tem uma morte.

⁷ Que tem como significado um símbolo que durara na vida do homem até a sua morte.

Bergson entende a duração como empirismo, algo que pode ser compreendido pela experiência. Entretanto, o homem em sua natureza consegue observar a mudança que está acontecendo em sua volta, ou seja, a duração real. Bergson percebe que o homem em seu desenvolvimento, por vez, tem uma mente mais aberta para uma nova transformação, sendo assim conseguiria observar além da duração que está em sua volta (BERGSON, 2006, p. 51)

Desde modo, a duração oferece uma mudança que provocará transformações na ação. Uma faca, que ao passar os anos, sofreu muitas mudanças no seu estilo de ser, mas o que ficou foi a essência do objeto, que é de cortar. Para compreender melhor, citaremos o filósofo Heráclito que complementarmente dizendo que tudo é movimentado, aquilo que existe já deixou de existir, assim descreve Heráclito:

Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou. Assim, tudo é regido pela dialética, a tensão e o revezamento dos opostos. Portanto, o real é sempre fruto da mudança, ou seja, do combate entre os contrários. (HERACLITO, Apud PIRES, 1947. p. 09).

Heráclito afirma que aquilo que é observado pode se formar uma ilusão, como por exemplo: o rio. Assim poderíamos compreender o que Bergson viveu em sua época, que os símbolos estão a todo momento mudando, sendo os conhecimentos das grandes tecnologias, como por vez, a ciência que está cada vez mais ocupando o espaço e preenchendo o vazio.

2.4 Duração criadora

Bergson, postula que o homem consciente em seu espaço de tempo consegue observar o grande movimento que acontece em sua volta, e muitas vezes em sua evolução, sendo as vezes o próprio criador de mesma. Compreende ainda que além daquilo que estava sendo modificado num mundo exterior, as pessoas “começaram a se achar mais adiantados em civilização, gosto, conhecimento, ciência e arte do que em qualquer época anterior” (ROBERTS, 2001, p. 485). Sendo assim, tornando mais racional e construtivo em seu desenvolvimento.

Desde modo, a duração criadora ajudará o homem a mudar a própria realidade para uma mais avançada, ou seja, uma evolução movida pelas construções que o homem irá fazer em si mesmo. Como por exemplo, o indivíduo em sua natureza, com o conhecimento inato irá transmitir ou observar que aquilo que está vivendo, pode ser transformado em algo para o

futuro, uma ação nova, tendo assim, uma duração de tempo dentro de uma criação (LOUIS, BARON, 2009. p.19).

2.2.1 Conceito de intuição

Segundo o pensador, a intuição é o caminho para compreender a realidade e conhecer um passado que a cada instante se modifica e origina algo novo. Ele compreende que a intuição sempre será um diálogo com a duração; sendo assim, toda reflexão terá como conceito principal a “intuição da duração”, que por sua vez, a intuição observará a duração.

A intuição de que falamos, então, versa antes de tudo sobre a duração interior. Apreende uma sucessão que não é justaposição, um crescimento por dentro, o prolongamento ininterrupto do passado num presente que avança sobre o porvir. É a visão direta do espírito pelo próprio espírito. Nada mais interposto; nada de refração através do prisma do qual uma das faces é o espaço e a outra a linguagem. Ao invés de estados contíguos a estados, que se tornarão palavras justapostas a palavras, eis a continuidade indivisível e, por isso mesmo, substancial do fluxo da vida interior. Intuição, portanto, significa primeiramente consciência, mas consciência imediata, visão que mal se distingue do objeto visto, conhecimento que é contato e mesmo coincidência (BERGSON, 1969, p. 27).

Para Bergson, “A intuição designa o dado sensível, sensação ou percepção. Mas desde o ensaio está presente o fato de que, posteriormente, ele chamará a intuição fundamental de sua obra de a intuição da duração.” (LOUIS; BARON. 2009. p. 59). Sendo assim, a intuição parte de uma realidade que possivelmente está acontecendo para o indivíduo, enquanto a duração é o próprio acontecimento, que é o movimento que pode ser observado utilizando-se da inteligência.

2.2.2 Intuição espiritual

Bergson também compreende o conceito de intuição como teoria do espírito, pois, para ele, a intuição não está vinculada a uma teoria material, isto é, “a intuição alcança, pois, as ondulações do real, quer seja matéria ou espírito, mas sobretudo no espírito, em que triunfa a mobilidade, essencial ao ser enquanto ser” (ACKER, 1959. p.141). Neste espírito é que teremos uma ética pedagógica para a humanidade, trazendo um grande vínculo de respeito; em outras palavras, o espírito segundo Bergson irá compreender a passagem do passado para o presente, pois o espírito é a própria memória que o homem possui. Assim descreve Bergson.

Eis a primeira direção que tomaremos. Quem diz espírito diz, antes de tudo, consciência. Mas o que é a consciência? É óbvio que não vou definir algo tão concreto, tão constantemente presente na experiência de cada um de nós. Mas, sem dar da consciência uma definição que seria menos clara do que ela própria, posso caracterizá-la por sua marca mais aparente: consciência significa primeiramente memória. (BERGSON, 2009, p. 04 – 05).

A intuição espiritual, entretanto, faz o homem reviver sempre o seu passado e, com isso, transformar em novidade para o presente deixando algo que possa transformar o futuro.

2.2.3 Intuição mística

Bergson observa que a intuição mística, possui semelhança ao espírito, pois, traz uma visão mais ampla, na qual temos como comparação os mitos. E com isso, teremos como exemplo, as imagens dos deuses antigos, trazendo uma realidade para vida, e também uma renovação para as éticas religiosas, no que se refere aos comportamentos, no respeito e, muitas vezes, no cotidiano da vida. E com isso, os deuses tendo toda a consciência dentro da intuição da pessoa, e assim, conseguindo transformar a forma de pensar.

2.2.4 Observações da sociedade moral fechada e moral aberta

Bergson compreendeu que a moral na sociedade pode ser dividida em duas formas: a moral fechada e a moral aberta. A moral fechada nasce com a pessoa, tendo como base de obrigação, ou seja, desde o nascimento do indivíduo ele terá o conhecimento que é compreendido pela sua aprendizagem, consistindo na educação de casa, da escola, sendo uma moral fechada. Já o que tange a moral aberta, tem como base um pensamento mais amplo, que, por sua vez, tem sua própria escolha de viver, dentro de um ramo coletivo. Sendo assim, a moral fechada e a aberta muitas vezes se relacionam a partir do momento que o indivíduo passa de uma obrigação de estudo para, futuramente, uma escolha de vida. (BERGSON, 1978, p. 31).

Para compreender melhor, tomemos como alusão o mito da caverna de Platão, que adentrará no pensamento proposto por Bergson de um indivíduo que tem como inicial moral fechada, para quando o homem contemplar a luz fora da caverna ele possa a se transformar numa moral aberta. E tendo nestas duas morais uma concepção de duração e intuição na evolução do homem.

3 CONCEITO DE EDUCAÇÃO

A educação tem como base continuar um crescimento nas áreas das faculdades físicas, morais e intelectuais do homem (ABBAGNANO, 1962. p. 287). A educação tem por objetivo aflorar as habilidades do indivíduo e aprofundar a racionalidade formando nele uma nova visão de sociedade para um futuro diferente e transformado. Também pode ser entendida como:

[...] a transmissão e o aprendizado das técnicas culturais, isto é, daquelas técnicas de uso, de produção, de comportamento, mediante as quais um grupo de homem é capaz de satisfazer as suas necessidades, de proteger-se contra a hostilidade do ambiente físico e biológico e de trabalhar em conjunto em uma forma mais ou menos ordenada e pacífico. [...], uma sociedade humana não pode sobreviver se a cultura não é transmitida de geração a geração; e as modalidades ou as formas por que se efetua ou se garante essa transmissão se chamam educação. (ABBAGNANO, 1962. p. 288).

A educação pode ser entendida em vários aspectos, sendo a própria cultura um tipo de educação. Conforme a obra *Paideia*, a Grécia antiga, se destaca em sua preocupação com os processos de aprendizagem produzidos em contextos educacionais. Para eles, a educação proporcionaria um crescimento social. Assim questiona filósofo Jaeger:

Toda educação é assim o resultado das consciências vivas de uma norma que rege uma comunidade humana, quer se trata da família, de uma classe ou de uma profissão, (...). A educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual; e, uma vez que desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade (JAEGER, 1995. p. 5).

3.1 As contribuições da duração e da intuição em Bergson para o campo da educação

Em sua concepção sobre a posição do indivíduo dentro de uma comunidade ou um tipo de costume dentro de uma sociedade, Bergson a escultura num tipo de educação. Assim o filósofo descreve “Dessa primeira perspectiva, a vida social nos aparece como um sistema de hábitos de mandar, ou menos fortemente enraizadas que corresponde as exigências da comunidade” (BERGSON, 1978, p. 8).

Vivendo num conjunto de hábitos, Bergson compreende que se os hábitos se tornarem uma obrigação ao indivíduo, esse hábito tornará um grupo fechado, ou seja, um bloco e colocando o indivíduo em uma feliz ilusão que se aconchega numa sociedade (BERGSON,

1978, p. 10). Sendo assim, compreende que os costumes que as pessoas têm dentro de uma sociedade, geralmente mostra um tipo de pensamentos, ao qual o filósofo chama de sociedade fechada. E essa sociedade fechada é uma visão que o próprio indivíduo tem em sua volta, um só pensamento diante de vários pensamentos (BERGSON, 1978, p. 25).

Segundo o filósofo, para uma educação seja mais ampla no homem, o homem não deve colocar um só pensamento no indivíduo, ele deveria começar a perpassar por uma educação mais clara, ou seja, não uma educação complexa, assim descreve:

(...) como seremos ouvidos? De que modo seremos entendidos? Pois que, a criança é investigadora e inventora, sempre à espreita de novidade, impaciente quanto às regras, enfim, mais próxima da natureza daquilo que o homem cria. (...), contudo, por mais enciclopédico que seja o programa, aquilo que a criança poderá assimilar de uma ciência acabada reduzir-se-á a poucas coisas e será, muitas vezes, a contragosto e esquecido logo em seguida. (...) cultivemos antes na criança um saber infantil e evitemos de sufocá-la sob o acúmulo de ramos e folhas secas, produto de vegetações antigas; a planta nova não pede nada, senão o deixá-la crescer (BERGSON, 1991, p. 1326. Apud PINTO, 2010, p. 11).

Ao analisar que a enciclopédia fazia da criança muitas vezes um pensamento vazio, onde não conseguia refletir e compreender aquilo que se trata no livro, o filósofo, compreende que é melhor a criança partir de uma análise dos sentidos, onde a criança possa pela sensação compreender a realidade e ter umas simples ideias, para Bergson:

Ouvir a palavra falava, com efeito, é primeiramente reconhecer seu som, em seguida identificar seu sentido, e finalmente buscar, mais ou menos longe, sua interpretação: em suma, é passar por todos os graus da atenção e exercer várias capacidades sucessivas da memória auditiva das palavras. (...) devemos, portanto, mostrar no reconhecimento auditivo das palavras: 1) um processo automático sensório-motor; 2) uma projeção ativa e, por assim dizer, excêntrica de lembranças-imagens (BERGSON, 2006, p. 124).

Torreão (2012), faz uma analogia da filosofia de Bergson, colocando a educação como um processo de desenvolvimento semelhante à criação da borboleta. Ele compreende que a educação para Bergson é um processo que começa da família, do cotidiano de vida, sendo um ensino básico que passa de uma alma fechada para uma alma completa, e será nesta base que a duração e a intuição entram, para assim chegar a uma alma aberta. Para Torreão, a educação, portanto:

É certo que as coisas sofrem o desmoronamento temporal; então a trajetória do aluno é semelhante à de uma borboleta, ele se alimenta desesperadamente, estuda e

escuta o professor, conversa com os colegas, depois morre, entorpece num casulo, para depois renascer borboleta e voar com suas próprias asas. (TORREÃO, 2012, p. 20).

Sendo assim, o filósofo Bergson afirma que a educação é um processo de amadurecimento que o indivíduo tem consigo mesmo, pois para o indivíduo a educação só será aceita a partir do momento que tem uma nova visão, uma visão não coletiva, mas individual, uma intuição no seu tempo vivido. Além disso, a educação será um processo que a pessoa terá consciência do seu futuro, ou em outras palavras, dos seus sonhos e objetivos. Assim complementa: “a personalidade é o resultado de nossas escolhas, percebi que a educação nunca é um grupo ou coletividades, mas algo pessoal” (TORREÃO, 2012, p. 20).

Torreão, compreende que esse processo da educação é a própria duração, nos termos de Bergson, enquanto o aprender a falar; a escrever; o costume e entre outras, mas antes ele precisa “morrer” desapegar dos seus costumes que colocou para si próprio. Segundo Torreão:

É o sonho e a glória de todo professor ver seus alunos morrerem lagartas (alunos) e renascem borboletas (pensadores) e voar no seu tempo para construção do seu futuro; e como todo ato humano atinge toda a humanidade, cada aluno faz e refaz a humanidade – aqui parece residir a dignidade de ser professor (TORREÃO, 2012, p. 20).

A educação é um processo que faz do indivíduo se transformar, pois para o homem a educação será um caminho, onde ocorre vários tipos de oportunidades e escolhas. A partir de suas escolhas, o homem deixará para trás outros caminhos para se desenvolver numa educação, ou seja, um aluno quando vai a escola, terá que escolher dentro de várias matérias para poder crescer, ou ainda, a partir do momento que escolhe a matéria, ele opcionalmente deixará outras, aprofundando uma área de interesse. Para Bergson, o homem:

Continua, portanto, indefinidamente o movimento vital, ainda que não arraste consigo tudo o que a vida carregava em si. Em outras linhas de evolução caminharam outras tendências que a vida implicava, das quais o homem sem dúvida conservou algo, uma vez que tudo se compenetra, mas das quais só conversou pouca coisa. Tudo se passa como se um ser indeciso e esfumado, que podemos chamar como quisermos homem ou super-homem, houvesse procurado se realizar e só o tivesse conseguido abandonado no caminho uma parte de si mesmo (BERGSON, 2005, p 288).

Torreão compreende que a educação perpassa pelos conceitos que Bergson implanta na sua filosofia, que seria a duração e intuição. A duração será o desenvolvimento que o

professor terá com seu aluno, e a intuição tem como o processo de conhecimento que o professor irá compreender do seu passado, a sua vida, os seus costumes transmitindo na realidade atual de seus alunos, ou seja, a duração, trabalhando sobre a intuição, gera um pensamento desenvolvido. Assim descreve pensador:

O professor na duração é dotado de uma ligeira alucinação e dons místicos, ele precisa saber convocar a chamada da presença, e invocar para que seu aluno cumpra sua missão de aprender. Essa invocação é iniciada pelo contrato de respeito ao sagrado de sua sala de aula, onde é preciso perder suas próprias crenças e hábitos de pensar ou não pensar, para obedecer às leis de seus pais é um morrer assistindo, para renascer e criar asas; e nesse sentido, incluindo e excluindo são meros conceitos (TORREÃO, 2012, p. 21).

Pode-se dizer que o método desta nova educação é o desapego. Pois com o desprendimento o indivíduo passa a ter muitos caminhos a percorrer, tendo conhecimentos novos, novas culturas, novas visões e dentre outros. O desapego também é um processo da evolução do homem, onde o indivíduo passa a ter um olhar diferente em sua própria vida, ou seja, colocando pontos positivos e negativos em seu desenvolvimento (TORREÃO, 2012, p. 24).

Ainda convém lembrar que sonhar alto não seria uma resposta de tudo, ou muitas respostas não caberiam em uma solução, mas o surgimento de um olhar diferente que aparece numa dúvida, pode solucionar o problema. Assim diz: “A tragédia de uma professora de filosofia é o que ela sempre sonha em voar, embora saiba da inevitável queda e do surgimento de um novo sonho que surge após o outro” (TORREÃO, 2012, p. 29). Ou seja, um professor deve trabalhar com várias oportunidades que surgiram em seu dia-a-dia, uma nova visão, ou uma nova contradição que irá acontecer numa nova época.

Torreão, complementa trazendo de novo o símbolo da borboleta, que por sua vez é uma espécie de nova oportunidade de uma dúvida, em outras palavras, não sabendo como a borboleta irá surgir após o casulo, para o homem ela estaria morta, mas tendo uma esperança de uma borboleta que irá aparecer dentro daquele casulo. Portanto a borboleta, representa uma nova visão daquilo que o professor irá analisar, a sua duração para utilizar numa nova criação (TORREÃO, 2012, p. 35).

Do mesmo modo que a borboleta passa por uma observação diferente da intuição e duração, Bergson afirma que a educação é permitida quando a sociedade tem para si uma alma aberta, não somente uma alma fechada. Pois, com a alma aberta, tem-se uma visão coletiva, que tem como escolha vários caminhos a percorrer. Sendo assim, ele terá um

conhecimento que ultrapassará a faculdade humana e experimentará a educação social. Assim descreve o pensador:

Como uma brisa e um vento mais forte, e como esses ventos uns dão passagem ao outro também na sala de aula, alguns hábitos desconstruirão outros, algumas lições desmancham outras. Ai a desaprendizagem conta com a força do novo que pressiona antigas formas de pensar e agir a se esvanecerem, a voarem ou a germinarem. (TORREÃO, 2012, p. 174).

Sendo assim, a educação sempre irá passar pelo processo do desapego, ou segundo Bergson, recita para chegar a perfeita generosidade é preciso passar pelo desapego. Assim ele descreve um contexto que irá atingir numa educação perfeita, ou seja, ensina a ensinar:

O que há de mais ousado, o que há de mais novo do que vir anunciar aos físicos que o inerte irá se explicar pelo vivo, aos biólogos que a vida só será compreendida pelo pensamento, aos filósofos que as generalidades não são filosóficas, aos mestres que o todo deve ser ensinado antes dos elementos, aos alunos que é preciso começar pela perfeição, ao homem, mais que nunca entregue ao egoísmo e ao ódio, que o móvel natural do homem é a generosidades? (BERGSON, 2006, p. 297).

CONSIDERAÇÃO FINAL

Este artigo refletiu sobre a evolução do homem, dentro de uma educação colocando os conceitos principais de Henri Bergson. Para nosso filósofo, a evolução do homem começaria pelos costumes e hábitos que um indivíduo tem dentro de sua cultura, sendo que neste percurso com o passar do tempo, o próprio indivíduo teria uma grande evolução, sendo na área do pensamento ou nas suas ações. Segundo Bergson, este processo passaria pela duração e também pela consciência, na qual ele chamou de intuição.

A educação tem sua relevância em todos os meios sociais, entre eles o que Bergson denominou de sociedade fechada, ou seja, uma educação que vem do seio familiar, contrapartida a escola se refere ao que Bergson denominou como uma sociedade aberta. No decorrer do nosso artigo, tivemos como objetivos bem-sucedidos o feito de delinear os conceitos de duração e intuição, o que se entende enquanto uma aplicação da filosofia bergsoniana na educação.

Por fim, após analisarmos a filosofia de Bergson, podemos concluir que a educação se constitui enquanto um caminho de desenvolvimento da sociedade. Sendo assim, este é o

caminho que faz o indivíduo se desapegar de uma sociedade fechada passando para uma sociedade aberta.

RIASSUNTO

L'obiettivo di questo articolo è di presentare una nuova pedagogia della *educazione* utilizzando due concetti importanti del filosofo Henri Bergson. I concetti sono questi: *durata* e *intuizione*. Per *Bergson*, durata e intuizione sono comprese e realizzate, partendo dall'idea di tempo, entrando in relazione con l'individuo stesso che vive questa *evoluzione*. Tutte le cose che stanno attorno alla persona e dentro di lei hanno una finalità, una durata que é percepita dalla coscienza della persona stessa. Ad un certo punto, la durata permette di pensare all'evoluzione e la intuizione alla coscienza futura. E queste sono azioni creative dentro una nuova educazione, dove il presente accoglie il passato e progetta il futuro senza, con questo, cambiare l'essenza.

Parole chiave: educazione. Durata. L'intuizione. Bergson. Evolution.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 2. Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ACKER, L.V. **A filosofia Bergsoniana**. São Paulo: Martins, 1959. p. 198

BERGSON, H. **Duração e simultaneidade**. Tradução de Claudia Berliner. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 50 – 78.

BERGSON, H. **A energia espiritual**. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 01 – 27.

BERGSON, H. **A evolução criadora**. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERGSON, H. **As duas fontes da moral e da religião**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BERGSON, H. **La pensée et le mouvant essais et conférences**. Paris: Macintosh, 1969.

GUSMÃO, L.C.; MONTEIRO, S.S.; PINTO, T.J.S. Subjetividade e educação a partir da filosofia Bergsoniana. **Revista sul – Americana de Filosofia e educação – RESAFE**, Número 22, p. 90 – 107, outubro 2014.

JAEGER, W. **Paidéia**: A formação do homem Grego. Tradução de Artur M. Parreira. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KARDINER, A.; PREBLE, E. **Eles estudaram o homem**. São Paulo: Cultrix, 1961.

LOUIS, J.; BARON, V. **Compreender Bergson**. Tradução de Mariana de Almeida Campos. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MENDONÇA, S. Herbert Spencer e os princípios dirigentes da educação intelectual. **36º Reunião Nacional da ANPED**, Goiana, Número 36, p. 11, setembro 2013.

PINTO, T.J.S. **O método da intuição em Bergson e sua dimensão ética e pedagógica**. São Paulo: Loyola, 2010.

PINTO, T. S. A crítica Bergsoniana ao método filosófico tradicional – Repercussões epistemológicas, éticas e educacionais. **Revista do programa de pós-graduação em educação – mestrado – universidades do Sul de santa Catarina**, Tubarão, p. 14. 2010.

PIRES, D. **Heráclito de Éfeso e a visão poética do rio**. Curitiba: Paulus, 1947.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia, 6**: de Nietzsche à escola de Frankfurt. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006. p. 348 – 357. V. 6.

ROBERTS, J. M. **O livro de ouro da história do mundo**: da Pré – História à idade contemporânea. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

TORREÃO, R.C.M. **Nas asas da borboleta**: filosofia de Bergson e educação. Salvador: EDUFBA, 2012